

Evaristo Eduardo de Miranda

Educação e Família

Como agir simbolicamente sobre os filhos?

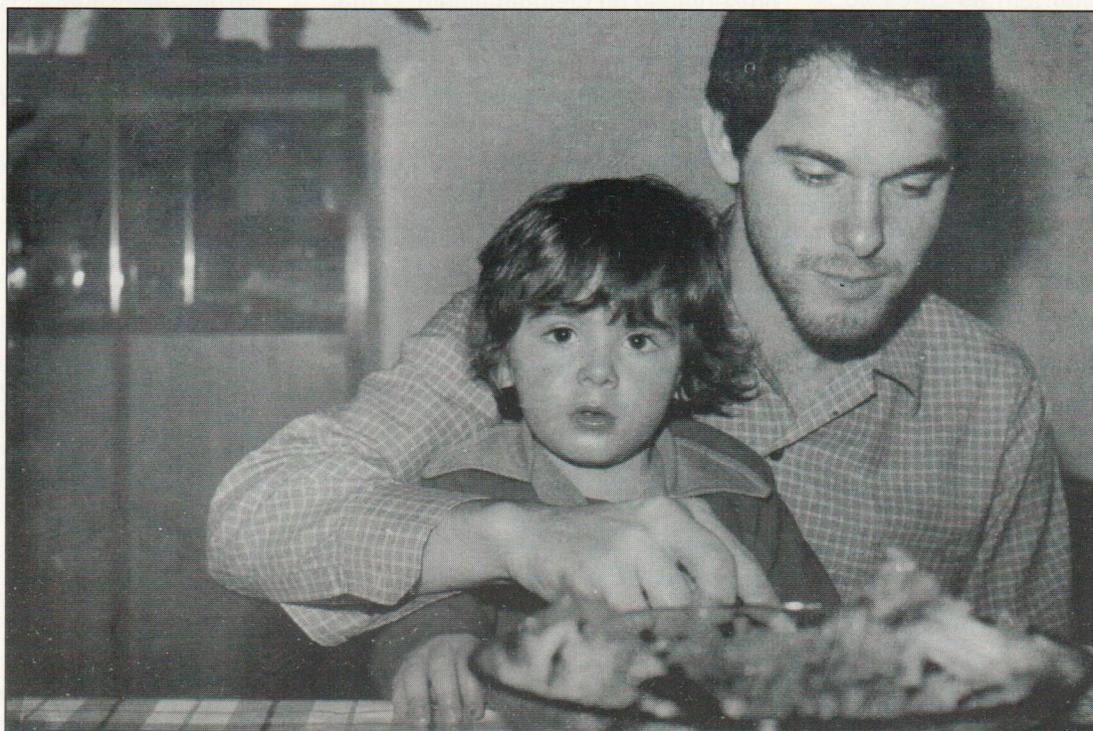
Hoje a família "clássica", composta por filhos e um casal que constituiu casamento solteiros, coexiste com outros tipos de famílias. Em primeiro lugar, estão as - cada vez mais numerosas - famílias recompostas. Tratam-se de famílias constituídas por cônjuges que já tiveram uma experiência conjugal anterior (pai divorciado com mãe solteira, ambos divorciados etc). Isso gera, entre outras identidades, um número crescente de meio irmãos. Outra forma significativa de família são as chamadas uniões estáveis. O casal vive em situação de concubinato, sem contrair

matrimônio civil. Existem também as famílias monoparentais ou biológicas, em que o casal não existe. São famílias cujo chefe, em geral, é uma mulher, e raramente um homem. São mães solteiras, viúvas ou divorciadas, com filhos oriundos de um ou de vários relacionamentos. Com metade dos casamentos resultando em divórcio, nos primeiros anos de existência, essas novas formas familiares passam a compor uma realidade cada vez mais significativa na população. Isso sem mencionar as famílias em que avós criam os netos abandonados pelos filhos ou as uniões ilegais,

como as entre homossexuais etc.

Mudanças essenciais

No que pese os diferentes tipos de famílias e de organização da vida privada no Brasil, alguns traços comuns marcam suas características. Em primeiro lugar está a autonomização crescente dos membros da família. Frente à instituição familiar, os indivíduos que a compõe não abrem mão de sua vida pessoal, afetiva, profissional etc. A vida familiar é uma dessas dimensões. Na maioria dos lares assistiu-se a uma diminuição da autoridade paterna



Revista Ana Maria

e, conseqüentemente, dos vínculos entre gerações e sexos, no seio das famílias. O crescimento dos interesses individuais, frente aos familiares, leva a um aumento da instabilidade do casal, a chamada fragilidade conjugal. Na família, as categorias normativas perdem lugar para as categorias funcionais. Os debates migram do direito civil para o direito social. E nesse contexto, o Estado intervém cada vez mais na vida doméstica.

Estado e família

O Estado entende que, de certa forma, deve salvar o indivíduo da sociedade e, por conseqüência, da família. Ele intervém cada vez mais na esfera privada familiar, tanto do ponto de vista jurídico, como econômico e institucional. Do ponto de vista jurídico, nunca teve-se tantas leis dispendo sobre planejamento familiar, aborto, divórcio, relações conjugais, autoridade dos pais, guarda das crianças etc. A tendência é aumentar ainda mais essa interferência "reguladora" ou normalizadora. Do ponto de vista econômico, o Estado brasileiro intervém através de inúmeros mecanismos como fisco, aposentadoria, seguridade social, assistência hospitalar, ajudas, apoios diferenciados a poupança,

salários família, educação, créditos habitacionais, pensão para cônjuges etc. Finalmente, em termos institucionais, ao responder à demanda social de uma escolarização cada vez mais precoce, emancipando e liberando as mães para o mercado de trabalho, o Estado interfere diretamente na estrutura e no funcionamento do lar. Isso gera um diferencial de dependência. *Diminui* a dependência da família com relação à solidariedade de parentesco e vizinhança. Conta-se mais com mecanismos de ajuda de governo do que com as clássicas relações de compadrio, vizinhança e parentesco para resolver uma série de problemas inerentes à vida em família. *Aumenta* a dependência da família em relação aos representantes do Estado e da sociedade: assistentes sociais, professores, juizes, psicólogos, pedagogos, funcionários...

Família e educação

Nas sociedades modernas, a educação é um dever do Estado e uma obrigação para as famílias até a adolescência. Mesmo quando o Estado não assegura esse direito para todos, ninguém questiona essa assertiva. A educação familiar ou doméstica (reprodução social) retrai-se diante da educação

escolar. A educação escolar passa a ser entendida como um verdadeiro investimento social da família (reprodução social). A educação é como uma nova herança, não deserável, a ser dada aos filhos. É impensável para um casal de nível universitário que seus filhos não tenham estudos em nível superior. Assim como, os mais humildes almejam para seus filhos mais anos de estudo do que tiveram acesso. Na estratégia da reprodução familiar, a aquisição do capital escolar rivaliza-se e disputa meios com a aquisição do capital financeiro ou econômico. Diante de uma legião de professores, psicólogos, pediatras, pedagogos, ortodontistas, catequistas, entendidos... os pais têm, em geral, um sentimento de incompetência para educar. O crescimento da instituição educação escolar transformou os pais em uma entidade incompetente para educar. As famílias, mais ou menos resignadas ou acomodadas, aceitam e submetem-se a essa situação de fato. Elas delegam à escola esse poder, de forma excessiva e desmedida. Ao depender excessivamente da escola, a família é destituída da missão de educar. A ausência de comunicação entre as esferas familiar e escolar é completa. A família não sabe o que se passa na escola (muitas não querem saber mesmo!) e a escola não tem a menor idéia do que acontece nas famílias. Nem seria possível um acompanhamento tão individualizado dos alunos. Para as famílias resta a acomodação ou a angústia, ou ambas. Quando considera-se outro mecanismo poderoso de formação e educação, que é a televisão nos lares, contradições graves podem ocorrer entre a educação familiar e a educação social (escola, televisão...).

Essa realidade suscita muitas indagações

- ❖ Em que medida, na família pós-moderna, o crescimento dos individualismos é ameaçador para a solidariedade ou a transmissão familiar intergerações (ascendentes e descendentes)?
- ❖ Como "criar" a criança, num contexto familiar onde as preocupações individuais parecem mais importantes do que as familiares?
- ❖ A transmissão familiar (contribuição doméstica à reprodução social) é assegurada qualquer que seja a maneira como a família organiza sua vida privada?
- ❖ Num contexto de mudanças e questionamentos crescentes, as famílias indagam-se sobre até onde vai seu direito e dever de educar os filhos e como fazê-los prevalecer, de forma eficiente e amorosa. Talvez essas muitas indagações possam ser colocadas numa única pergunta: *a criança deve ser portadora de um projeto familiar?*

Evaristo Eduardo de Miranda é Doutor em ecologia, professor da USP, presidente da ONG ECOFORÇA. É autor do livro "A Ecologia" pelas Edições Loyola.